

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

TEMPO, TEMPO, TEMPO, VOU TE FAZER UM PEDIDO: TU ME ENSINAS A CONTAR, EU TE ENSINO A BRINCAR

Maria da Graça Bernardes e Silva¹

Este artigo pretende demonstrar a importância do fator tempo na prática jornalística impressa da sociedade ocidental moderna, principalmente a construção de notícias padronizadas, tendo como pano de fundo a sua comercialização e a profissionalização dos seus agentes, os jornalistas.

Palavras-chave: Tempo, jornalismo impresso, notícia, narrativa.

Introdução

O jornalismo está inserido no tempo. Tempo das horas, dos minutos, dos instantes, dos relógios. Tempo quantitativo. Tempo medido. Tempo contado.

O jornal impresso tem seu eixo no tempo. Guarda os registros dos acontecimentos da vida humana. No entanto, sua missão é divulgar o que é novo: a notícia, que por sua vez, tem um tempo de vida reduzido.

Em razão disso, os jornalistas lidam de forma singular com o tempo.

A notícia é filha do tempo. As empresas jornalísticas funcionam dentro de uma ordem temporal.

A pesquisa de abordagens múltiplas, possui caráter indutivo, quantitativo-qualitativo, descritivo.

O tempo de trabalho produz a notícia: na concepção marxista: o produto do trabalho que assume a forma de mercadoria e em sendo assim, “vale por si”, ou seja, tem valor.

¹ Maria da Graça Bernardes e Silva é doutora pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP). É professora adjunta do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Rondônia. professoragracobernardes@gmail.com

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

A questão remete ao fazer jornalístico serializado – imposto pela industrialização. Muito embora o jornalismo apresente caráter documental, seja de interesse público, a notícia é um produto efêmero, em razão de sua publicação ser cada vez mais rápida favorecida pelo suporte tecnológico dos jornais.

Ramonet, jornalista, sociólogo diretor da versão espanhola do *Le Monde Diplomatique* pondera que em razão da industrialização do jornalismo, “assiste-se a uma verdadeira e formidável taylorização de sua profissão” [de jornalista] (2001, p. 51).

Resgatamos o nascimento da organização científica do trabalho – que se produz inicialmente nos Estados Unidos no fim do século XIX e no início do século XX, sob a influência de Frederick W. Taylor (1856/1915), conhecido como o pai da administração científica.

Entre os vários princípios que norteiam a sua teoria, sem dúvida, o principal é ocupado pela questão do tempo. Foi o engenheiro norte-americano Taylor que introduziu o cronômetro - para quantificar os diferentes tempos de uma tarefa.

No caso das empresas jornalísticas, lidar com o tempo é tarefa essencial. Com a industrialização o trabalho é regulado pelo tempo ou mais precisamente, pelo tempo mecânico do relógio. O instrumento – cuja produção em série começou por volta de 1808 - tornou-se essencial nas sociedades nascidas da Revolução Industrial. A inserção do jornalismo no modo de produção capitalista é abordada por Marcondes Filho (1989).

Na observação de Cipolla (1967),

“O relógio constituirá, com seus aperfeiçoamentos sucessivos (em particular com sua transformação em um instrumento miniaturizado e pessoal que se carrega), um elemento de grande importância, senão decisivo, na dominação econômica e tecnológica exercida pelo Ocidente” (...) (*cit. in* Chanlat, 1996, p. 112).

Os jornais despontam também como empresas e segundo Traquina (2001), houve um duplo processo que decorre todo o século XIX e prossegue no século XX de comercialização dos *mídia* e a profissionalização dos seus agentes, os jornalistas.

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

O jornal passa a ter uma padronização estética: Medina (1995) e os jornalistas procuram o texto enxuto, a pirâmide invertida, *lead* criterioso para tentar buscar a objetividade.

Nas redações, lá está o relógio. no centro das atenções dos jornalistas, marcando com rigor o prazo de fechamento, os *deadlines*. O tempo é coautor da objetividade jornalística. As chamadas *hard news* foram moldadas pela quadrícula de tempo do relógio moderno.

E o que diríamos sobre as notícias de caráter humano (*fait divers*): são subjetivas e pertencem a outra ordem temporal? Sobre a narrativa jornalística algumas dessas questões são abordadas por Motta (1997) e Albuquerque (2000).

Os estudos sobre a narrativa jornalística e sua importância para o construto de uma teoria própria do jornalismo são muitos. No entanto, pouca atenção foi dada para a produção de notícias tendo como eixo central o fator tempo.

Ressaltamos que o modo capitalista de produção de notícias fez diminuir o interesse pela narrativa jornalística. As tecnologias a tornaram rápida e muitas vezes, superficial. É como se não houvesse “tempo” para se fazer grandes leituras. O filósofo alemão Walter Benjamin já anteviu a decadência da narrativa jornalística em 1936, ao dizer que as pessoas estavam cada vez menos dispostas a compartilhar vivências.

A informação plausível, cada vez mais utilizada pelos jornais modernos- aqui o tempo é fundamental para a sua existência e comercialização - vai ocupando o lugar da narrativa que não precisa do tempo para ter novas leituras e interpretações.

A filosofia agostiniana nos lembra que há três tempos presentes: o passado do presente, o presente do presente e o presente do futuro. Santo Agostinho diz que “o tempo presente é tudo o que é real”. Concordamos que o jornalismo está inserido no tempo presente. E as notícias de caráter humano também. Melo, por exemplo, (2009), fala da crônica como “um gênero tipicamente brasileiro”. A defini como um “relato poético do real” (2009:239).

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

O professor e escritor Wellington Pereira, em entrevista ao jornal De Fato.Com, lembra que a crônica “ traz a vida cotidiana para o jornal a partir do que a gente poderia chamar de fenomenologia da comunicação”.

Concluindo, lembramos que o tempo possui seu caráter social e também individual e exerce fator decisivo na construção do jornalismo e em suas convenções narrativas. Como a narrativa jornalística evoca um saber próprio dos jornalistas, não é raro perceber que esses agentes sociais destroem a sequência temporal em muitas de suas narrativas em nome de efeitos estéticos. Ainda que o jornalismo não tenha o compromisso do tempo histórico e sua cronologia, inserir o tempo do fato está muito além do lead: é exigência do tempo “real”, da interatividade, do social e do humano.

Referências:

ALBUQUERQUE.A. A narrativa Jornalística para além dos *fait divers*. Lumina - Facom/UFJF - v.3, n.2, p.69-91, jul./dez. 2000 - www.facom.ufjf.br

BENJAMIN, Walter (1993). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 5a ed., p. 197-221.

CIPOLLA, C. Clocks and culture 1300-1400. In: CHANLAT,

J. (Coord). O indivíduo na organização: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1996. p. 112.

CHANLAT, J. (Coord.). O indivíduo na organização: dimensões esquecidas.

Tradução: Christina T. Costa, Maria Helena C. V., Ofélia de Lanna Sette Tôres. São Paulo: Atlas, 1996. Original Francês.

MARCONDES,C.F. O capital da notícia. São Paulo: Ática, 1989.

MEDINA,C. Entrevista (o diálogo possível). São Paulo: Ática, 1995.

MELO, José Marques de. Jornalismo: compreensão e reinvenção. São Paulo: Saraiva:2009.

MOTTA, Luiz Gonzaga (1997). “Teoria da notícia: entre o real e o simbólico”

in MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). O jornal: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, p. 305-320.

PEREIRA. W. Jornal de Fato. Com. Entrevista publicada em 22/06/2013. PE.

II SIMPÓSIO INTERNACIONAL

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

RAMONET, I. A tirania da comunicação. 2. ed. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. Original Francês.

SANTO AGOSTINHO, Vida e obra: confissões. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

TRAQUINA, N. O estudo do jornalismo no século XX. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001. (Série comunicação)